Coisas do Gênero
REVISTA DE ESTUDOS FEMINISTAS EM TEOLOGIA E RELIGIÃO

Coisas do Gênero é licenciada
sob uma Licença Creative Commons

ENTRE AMIZADE, PACTOS E PROMESSAS: UMA LEITURA HERMENÊUTICA QUEER DAS NARRATIVAS DE JÔNATAS E DAVI E DE RUTE E NOEMI

BETWEEN FRIENDSHIP, COVENANTS, AND PROMISES: A QUEER HERMENEUTICAL READING OF THE NARRATIVES OF JONATHAN AND DAVID AND OF RUTH AND NAOMI

Darlã de Alves[*]
Daniel Luciano Gevehr[**]

Resumo: Este artigo analisa, a partir de uma abordagem hermenêutica crítica e queer, as narrativas bíblicas que descrevem as relações entre Jônatas e Davi (1Sm 18; 20; 2Sm 1) e entre Rute e Noemi (Rt 1), examinando as possibilidades interpretativas abertas por esses vínculos afetivos e os processos históricos que moldaram sua recepção. Parte-se do entendimento de que a espiritualidade e as categorias de gênero constituem construções históricas e culturalmente situadas, cujos sentidos foram interpretados, ao longo da tradição cristã, em diferentes contextos sociais e hermenêuticos. Metodologicamente, o estudo articula análise exegética contextual, hermenêutica crítica e contribuições da teoria queer, em diálogo com a história da sexualidade e os estudos de gênero. A análise evidencia que a linguagem afetiva e as estruturas pactuais presentes nessas narrativas configuram um campo semântico complexo, cuja interpretação foi historicamente atravessada por regimes normativos que influenciaram sua recepção. Ao examinar essas dinâmicas interpretativas, o estudo contribui para o aprofundamento das abordagens hermenêuticas aplicadas aos textos bíblicos e para o desenvolvimento de perspectivas críticas no campo dos estudos bíblicos contemporâneos.

Palavras-chave: Hermenêutica bíblica. Hermenêutica queer. Exegese. Gênero. Bíblia.

Abstract: This article analyzes, from a critical and queer hermeneutical perspective, the biblical narratives describing the relationships between Jonathan and David (1 Sam 18; 20; 2 Sam 1) and between Ruth and Naomi (Ruth 1), examining the interpretive possibilities opened by these

[*] Doutor em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade pela Universidade Feevale, professor colaborador da UDESC. E-mail: darlacb@hotmail.com
[**] Pós-doutor em História pela PUCRS, professor titular do PPG em Desenvolvimento Regional da FACCAT. E-mail: danielgevehr@faccat.br

affective bonds and the historical processes that shaped their reception. The study is grounded in the understanding that spirituality and gender categories constitute historically and culturally situated constructions, whose meanings have been interpreted in different social and hermeneutical contexts throughout the Christian tradition. Methodologically, the research articulates contextual exegetical analysis, critical hermeneutics, and contributions from queer theory, in dialogue with the history of sexuality and gender studies. The analysis demonstrates that the affective language and covenantal structures present in these narratives form a complex semantic field whose interpretation has been historically shaped by normative regimes that influenced their reception. By examining these interpretive dynamics, the study contributes to the development of critical hermeneutical approaches to biblical texts and to contemporary debates in biblical studies.

Keywords: Biblical hermeneutics. Queer hermeneutics. Exegesis. Gender. Bible.

Considerações iniciais

As narrativas bíblicas constituem um dos principais repertórios simbólicos que atravessam a história do Ocidente, influenciando concepções morais, sociais e culturais relacionadas aos corpos, aos afetos e à sexualidade. Ao longo dos séculos, essas narrativas foram interpretadas e reinterpretadas em diferentes contextos históricos, sendo mobilizadas tanto para legitimar normas sociais quanto para questioná-las. Como textos produzidos em contextos históricos, culturais e linguísticos específicos, as Escrituras não se apresentam como um sistema homogêneo de significados, mas como um corpus textual atravessado por múltiplas camadas interpretativas e por disputas hermenêuticas que refletem os horizontes históricos de seus intérpretes[1].

Neste contexto, determinadas passagens do Antigo Testamento têm suscitado, especialmente nas últimas décadas, releituras críticas que examinam os processos históricos e interpretativos que moldaram sua recepção. Entre essas narrativas, destacam-se aquelas que descrevem a relação entre Jônatas e Davi, nos livros de Samuel, e o vínculo entre Rute e Noemi, no livro de Rute. Tradicionalmente interpretados como exemplos de amizade ou lealdade familiar, esses relatos apresentam estruturas linguísticas e narrativas que mobilizam categorias afetivas e pactuais cuja interpretação exige análise hermenêutica e exegética cuidadosa[2].

Apesar do avanço dos estudos sobre gênero, sexualidade e religião, permanece relativamente limitada, especialmente no contexto latino-americano, a produção acadêmica que articula análise exegética, hermenêutica bíblica e teoria queer na investigação das narrativas

1 RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
2 HELMINIAK, Daniel A. *What the Bible really says about homosexuality*. San Francisco: Alamo Square Press, 2000.; LINGS, Renato. *Love lost in translation:* homosexuality and the Bible. Victoria: Trafford Publishing, 2013.

veterotestamentárias. Muitas interpretações bíblicas foram historicamente orientadas por pressupostos normativos que operaram a partir da heterossexualidade como matriz interpretativa implícita, contribuindo para delimitar os sentidos considerados legítimos no interior da tradição cristã[3]. Examinar criticamente esses processos interpretativos constitui, portanto, uma tarefa relevante para os estudos bíblicos contemporâneos.

O objetivo deste artigo é analisar as narrativas de Jônatas e Davi e de Rute e Noemi a partir de uma abordagem hermenêutica crítica, investigando as possibilidades interpretativas abertas pelo texto bíblico e os processos históricos que moldaram sua recepção. O estudo não busca estabelecer afirmações conclusivas sobre a natureza histórica dessas relações em termos das categorias modernas de identidade sexual, mas examinar como a linguagem afetiva e as estruturas narrativas presentes nesses textos foram interpretadas ao longo da tradição. Trata-se, portanto, de uma investigação centrada na análise hermenêutica e exegética do texto bíblico, e não na reconstrução empírica de práticas ou identidades históricas.

Esta abordagem fundamenta-se no reconhecimento de que categorias como gênero e sexualidade constituem construções históricas e discursivas, cuja aplicação a contextos antigos exige cautela metodológica[4]. Conforme argumenta Butler[5], as normas que regulam o gênero e a sexualidade são produzidas por meio de práticas reiteradas e permanecem abertas a deslocamentos e ressignificações. Aplicada à interpretação bíblica, essa perspectiva permite examinar criticamente os regimes hermenêuticos que contribuíram para estabilizar determinados sentidos e marginalizar outros.

Além disso, a análise exegética dos textos bíblicos exige atenção às suas características linguísticas e ao contexto histórico de sua produção e recepção. Conforme demonstram Helminiak[6] e Lings[7], as traduções e interpretações bíblicas constituem processos historicamente situados, nos quais categorias contemporâneas foram, por vezes, projetadas sobre textos produzidos em contextos culturais distintos. Reconhecer esse caráter histórico da interpretação permite compreender a Bíblia como um campo interpretativo dinâmico, aberto a múltiplas possibilidades de leitura.

Neste sentido, a releitura das narrativas de Jônatas e Davi e de Rute e Noemi constitui uma contribuição para o campo dos estudos bíblicos ao examinar criticamente os processos hermenêuticos que moldaram sua recepção e ao evidenciar a complexidade semântica desses

3 FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I:* a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.; WARNER, Michael. *The trouble with normal:* sex, politics, and the ethics of queer life. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
4 FOUCAULT, 1988.
5 BUTLER, Judith. *Problemas de gênero:* feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
6 HELMINIAK, 2000.
7 LINGS, 2013.

textos. Inspirada na hermenêutica filosófica de Ricoeur[8], esta investigação parte do pressuposto de que o texto bíblico projeta um horizonte de significações que se atualiza continuamente na relação com seus leitores, tornando possível o surgimento de novas interpretações em diferentes contextos históricos.

O artigo organiza-se em três seções principais. Inicialmente, apresenta-se o referencial teórico que fundamenta a abordagem hermenêutica adotada, articulando contribuições da hermenêutica filosófica, da teoria queer e da história da sexualidade. Em seguida, desenvolve-se a análise das narrativas de Jônatas e Davi e de Rute e Noemi, com atenção aos elementos linguísticos, literários e narrativos que estruturam essas relações. Por fim, discutem-se as implicações hermenêuticas desses resultados para os estudos bíblicos contemporâneos.

Ao examinar essas narrativas a partir de uma abordagem hermenêutica crítica, este estudo busca contribuir para o aprofundamento da compreensão da complexidade interpretativa das Escrituras e para o desenvolvimento de abordagens metodológicas que reconheçam o caráter histórico, linguístico e hermenêutico da interpretação bíblica.

Referencial teórico

A interpretação das Escrituras constitui, historicamente, um campo de disputas simbólicas no qual diferentes regimes de verdade buscaram fixar sentidos e legitimar práticas sociais. A Bíblia, longe de se apresentar como um texto homogêneo ou estável, é atravessada por tradições diversas, camadas redacionais e contextos históricos que produzem ambiguidades e aberturas interpretativas. Desse modo, toda leitura bíblica é situada, marcada por pressupostos culturais, teológicos e políticos que orientam o que pode ou não ser dito sobre os textos sagrados. Como observa Ricoeur[9], o texto, uma vez produzido, adquire relativa autonomia em relação às intenções originais de seus autores, abrindo-se a múltiplas possibilidades interpretativas que se atualizam em diferentes contextos históricos. A hermenêutica, nesse sentido, não se limita à reconstrução de um significado original fixo, mas envolve o reconhecimento da polissemia textual e de sua capacidade de produzir novos sentidos na relação com seus leitores.

Neste horizonte, a hermenêutica adotada neste estudo parte do reconhecimento de que não existem interpretações neutras. Conforme argumenta Foucault[10], os discursos não apenas refletem a realidade, mas a produzem, operando como dispositivos de poder que classificam, regulam e normalizam corpos e desejos. A história da sexualidade evidencia que as formas de nomear e controlar as práticas sexuais são construções historicamente situadas. A categoria

8 RICOEUR, 1990.
9 RICOEUR, 1990, p. 32.
10 FOUCAULT, 1988, p. 100.

Coisas do Gênero
REVISTA DE ESTUDOS FEMINISTAS EM TEOLOGIA E RELIGIÃO

"homossexualidade", por exemplo, emerge apenas no século XIX, no interior de discursos médico-jurídicos voltados à vigilância e à normalização[11]. Projetar essa categoria de forma anacrônica sobre o mundo bíblico constitui, portanto, um equívoco metodológico recorrente em leituras moralizantes das Escrituras.

Daniel Helminiak[12], a partir de uma análise exegética sistemática, reforça essa compreensão ao demonstrar que os textos bíblicos não operam com a noção moderna de orientação sexual como identidade constitutiva do sujeito. Segundo o autor, as passagens tradicionalmente mobilizadas para condenar a homossexualidade referem-se a práticas específicas situadas em contextos culturais particulares, frequentemente associadas a relações de dominação, violência ou exploração, e não a vínculos afetivos consensuais entre pessoas do mesmo sexo. A leitura que projeta sobre o texto bíblico categorias identitárias modernas constitui, portanto, um deslocamento interpretativo que obscurece o horizonte semântico original das Escrituras. Essa constatação reforça a necessidade de abordagens hermenêuticas críticas que reconheçam a historicidade das categorias sexuais e a complexidade interpretativa dos textos bíblicos.

A crítica a esse anacronismo permite compreender que os textos bíblicos não operavam a partir das mesmas classificações identitárias que estruturam a modernidade. Isso não significa afirmar a inexistência de vínculos afetivos entre pessoas do mesmo sexo nos contextos antigos, mas reconhecer que tais vínculos eram vividos e narrados a partir de outras gramáticas simbólicas. Nesse ponto, os estudos históricos de John Boswell[13] demonstram que práticas homoafetivas não eram desconhecidas nas sociedades antigas e que, em determinados contextos do cristianismo primitivo, existiram formas de tolerância e reconhecimento posteriormente apagadas com o processo de institucionalização da Igreja e sua aliança com estruturas patriarcais de poder.

A consolidação de leituras bíblicas condenatórias das relações homoafetivas está profundamente associada à ascensão de regimes normativos modernos. Como aponta Ronaldo Vainfas[14], os discursos religiosos passaram a dialogar de maneira intensa com saberes médicos, jurídicos e morais, produzindo uma sexualidade regulada e hierarquizada. Warner[15] contribui para essa compreensão ao afirmar que a normatividade sexual constitui um efeito político sustentado por disputas em torno de quem pode nomear, legitimar e excluir determinadas formas

11 FOUCAULT, 1988, p. 43.
12 HELMINIAK, 2000, p. 67.
13 BOSWELL, John. *Christianity, social tolerance, and homosexuality:* gay people in Western Europe from the beginning of the Christian era to the fourteenth century. Chicago: University of Chicago Press, 1980. p. 105.
14 VAINFAS, Ronaldo. *História da sexualidade no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2010. p. 18.
15 WARNER, 1999, p. 42.

de vida. Assim, a leitura bíblica heteronormativa não se impõe por fidelidade ao texto, mas por sua funcionalidade na manutenção de uma ordem sexual específica.

É neste contexto que a teoria queer oferece ferramentas analíticas fundamentais. Butler[16] propõe a noção de performatividade de gênero para evidenciar que gênero e sexualidade não são essências naturais, mas efeitos de práticas reiteradas que produzem a aparência de estabilidade normativa. Aplicada à leitura bíblica, essa perspectiva permite compreender os textos como construções discursivas que, ao mesmo tempo em que refletem normas culturais, também podem produzir deslocamentos e fissuras. A linguagem afetiva presente nas narrativas de Jônatas e Davi e de Rute e Noemi pode ser compreendida, assim, como um desses pontos de instabilidade, nos quais os limites da heteronormatividade se mostram frágeis.

Guacira Lopes Louro[17] aprofunda essa discussão ao analisar a heteronormatividade como um dispositivo pedagógico que organiza os corpos, os desejos e os afetos, definindo quais relações são reconhecidas como legítimas e quais são silenciadas. No campo religioso, esse dispositivo opera de maneira particularmente intensa, uma vez que associa determinadas leituras bíblicas à produção de verdades morais universais. A insistência em enquadrar as relações entre personagens bíblicos do mesmo sexo exclusivamente como amizade ou lealdade familiar pode ser compreendida como efeito desse regime pedagógico, que atua apagando a dimensão erótica e afetiva de vínculos que escapam ao modelo heterossexual.

A teologia queer, especialmente a partir das contribuições de Marcella Althaus-Reid[18], tensiona diretamente esses enquadramentos normativos. Ao propor uma “teologia indecente”, a autora não busca substituir uma ortodoxia por outra, mas desestabilizar as fronteiras morais que determinaram quais experiências poderiam ser reconhecidas como teologicamente legítimas. Para Althaus-Reid, a presença de Deus não se limita aos espaços domesticados da sexualidade normativa, mas se manifesta também nas experiências consideradas marginais ou impróprias pela moral cristã tradicional.

No contexto latino-americano, André Musskopf[19] amplia essa reflexão ao afirmar que a teologia queer constitui uma prática hermenêutica e espiritual que confronta os regimes heteronormativos que historicamente estruturaram o cristianismo. Segundo o autor, a heteronormatividade operou não apenas como norma social, mas como princípio organizador das interpretações bíblicas, delimitando quais experiências afetivas poderiam ser reconhecidas como legítimas no interior das comunidades de fé.

---

16 BUTLER, 2003, p. 25.
17 LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho:* ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 17.
18 ALTHAUS-REID, Marcella. *The queer God*. London: Routledge, 2003. p. 55.
19 MUSSKOPF, André Sidnei. *Uma brecha no armário:* propostas para uma teologia gay. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 44.

A teologia queer, nesse sentido, propõe uma releitura crítica das Escrituras que não busca impor novos sentidos arbitrários, mas recuperar dimensões silenciadas pela tradição interpretativa dominante, reinscrevendo a Bíblia como espaço simbólico de resistência e pluralidade. Essa perspectiva mostra-se particularmente relevante no contexto latino-americano, onde as experiências religiosas foram profundamente moldadas por heranças coloniais, patriarcais e normativas que influenciaram tanto a prática quanto a interpretação do cristianismo.

Neste mesmo horizonte crítico, Richard Cleaver[20] argumenta que uma teologia comprometida com a libertação não pode ignorar as experiências homoafetivas, sob pena de reproduzir estruturas de exclusão incompatíveis com a mensagem cristã. A releitura de narrativas bíblicas tradicionalmente dessexualizadas torna-se, assim, um gesto teológico e político capaz de deslocar a Bíblia do lugar de instrumento de opressão para fonte de reconhecimento e dignidade.

Renato Lings[21], ao analisar criticamente os processos de tradução e recepção das Escrituras, demonstra que determinadas interpretações contemporâneas foram profundamente influenciadas por pressupostos morais e teológicos posteriores ao período bíblico. O autor evidencia que a introdução de categorias modernas relacionadas à sexualidade em traduções bíblicas constitui um fenômeno recente, que reflete mais os contextos culturais dos tradutores do que o sentido original dos textos. Essa constatação revela que a heteronormatividade não é uma característica inerente à Escritura, mas o resultado de processos históricos de interpretação e tradução que moldaram sua recepção.

Assim, o referencial teórico deste artigo sustenta-se na articulação entre teoria crítica, história da sexualidade e hermenêutica bíblica, reconhecendo que ler as Escrituras a partir de uma perspectiva queer implica assumir o caráter histórico, político e interpretativo da produção de sentidos. Essa abordagem não busca reconstruir empiricamente a natureza histórica das relações narradas, mas analisar as possibilidades interpretativas abertas pelo texto e problematizar os regimes hermenêuticos que historicamente delimitaram seus sentidos legítimos. Ao fazê-lo, abre-se a possibilidade de reinscrever os textos bíblicos em um horizonte inclusivo, no qual a pluralidade dos afetos humanos é reconhecida como dimensão legítima da experiência religiosa.

[20] CLEAVER, Richard. *Know my name:* a gay liberation theology. Louisville: Westminster John Knox Press, 2000. p. 88.
[21] LINGS, 2013, p. 12.

Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza interpretativa e crítica, orientada pela articulação entre hermenêutica bíblica, análise exegética contextual e aportes da teoria queer. Trata-se de um desenho metodológico híbrido, adequado à investigação de textos religiosos enquanto produções simbólicas atravessadas por disputas históricas, culturais e políticas, especialmente no que se refere às construções de gênero, sexualidade e normatividade. Essa abordagem parte do reconhecimento de que os textos bíblicos não constituem apenas registros históricos, mas também espaços discursivos cuja produção e recepção foram moldadas por regimes interpretativos situados.

A opção pela pesquisa qualitativa justifica-se pelo caráter do objeto analisado. Conforme assinala Minayo[22], investigações que se debruçam sobre sentidos, narrativas e processos simbólicos demandam metodologias capazes de apreender significados e estruturas de interpretação, e não de quantificá-los. No caso das narrativas bíblicas, o interesse não reside na verificação empírica de eventos históricos, mas na análise das possibilidades interpretativas abertas pelo texto e de sua articulação com diferentes contextos históricos de recepção. Trata-se, portanto, de uma investigação centrada na produção de sentidos, e não na reconstrução factual das relações narradas.

O *corpus* da pesquisa é composto pelas passagens bíblicas que descrevem as relações entre Jônatas e Davi, especificamente 1 Samuel 18:1-4; 20:16-17 e 2 Samuel 1:26, bem como pelo relato da relação entre Rute e Noemi em Rute 1:16-17. Optou-se por trabalhar prioritariamente com a Bíblia de Jerusalém[23], em razão de seu rigor filológico e do aparato crítico que acompanha a tradução, amplamente reconhecido no campo acadêmico. Essa escolha metodológica visa garantir maior proximidade com o texto hebraico e reduzir os efeitos de traduções influenciadas por pressupostos confessionais ou normativos.

Conforme demonstra Lings[24], as traduções bíblicas constituem também atos interpretativos, atravessados por contextos históricos e pressupostos teológicos, o que exige atenção crítica aos processos de tradução e recepção textual. Sempre que pertinente, recorreu-se à comparação com outras traduções como recurso auxiliar para identificar variações semânticas relevantes e evidenciar a historicidade das interpretações.

O procedimento analítico central é a hermenêutica crítica, entendida como um processo interpretativo que reconhece o texto bíblico como produtor de sentidos que excedem sua

[22] MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento:* pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 21.
[23] BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
[24] LINGS, 2013, p. 12.

intenção original e se atualizam em diferentes contextos históricos. Conforme propõe Ricoeur[25], o texto, uma vez fixado na escrita, adquire autonomia em relação ao seu contexto de produção, abrindo-se a novos horizontes de interpretação. A hermenêutica, nesse sentido, não busca recuperar um significado original único e definitivo, mas compreender as múltiplas possibilidades de sentido que emergem na relação entre texto e leitor. Essa perspectiva é particularmente relevante para o presente estudo, que não se propõe a reconstruir empiricamente a natureza histórica das relações narradas, mas analisar as possibilidades interpretativas que o texto oferece e os regimes hermenêuticos que moldaram sua recepção ao longo do tempo.

Em articulação com a hermenêutica, recorre-se à análise exegética contextual como ferramenta de investigação textual. Esse procedimento envolve a observação de elementos linguísticos, literários e narrativos das passagens selecionadas, incluindo a análise de termos-chave do hebraico bíblico, dos contextos narrativos em que as declarações de afeto são formuladas e dos recursos literários utilizados na construção das relações entre os personagens.

No caso de Jônatas e Davi, analisa-se, por exemplo, a recorrência do verbo hebraico ’ahav (amar), cuja amplitude semântica abrange diferentes formas de vínculo afetivo, bem como a formulação do lamento de Davi em 2 Samuel 1:26. De modo semelhante, na narrativa de Rute e Noemi, examina-se a estrutura e o conteúdo da declaração de Rute em Rute 1:16-17, atentando para sua configuração como pacto de pertencimento e compromisso vitalício. Conforme observa Helminiak[26], a análise exegética cuidadosa permite distinguir entre os significados originais dos termos bíblicos e as interpretações posteriores que projetaram categorias modernas sobre o texto.

A hermenêutica crítica empregada neste estudo é atravessada por uma perspectiva queer, que reconhece o caráter histórico e político da interpretação bíblica. A teoria queer, especialmente a partir das contribuições de Butler[27] e Louro[28], fornece ferramentas analíticas para problematizar a heteronormatividade como regime interpretativo que organizou os sentidos considerados legítimos na tradição cristã. Nesse contexto, a hermenêutica queer não constitui uma leitura arbitrária ou anacrônica, mas um método crítico que busca identificar como determinadas interpretações se tornaram hegemônicas, enquanto outras foram marginalizadas ou silenciadas. Trata-se de um procedimento analítico que reconhece a historicidade da interpretação e a pluralidade semântica dos textos bíblicos.

Complementarmente, a pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica crítica, mobilizando autores que discutem a história da sexualidade, a normatividade sexual e a teologia

25 RICOEUR, 1990, p. 43.
26 HELMINIAK, 2000, p. 89.
27 BUTLER, 2003, p. 25.
28 LOURO, 2004, p. 17.

queer, como Foucault[29], Boswell[30], Althaus-Reid[31], Warner[32], Musskopf[33] e Vainfas[34]. Esses referenciais são utilizados como instrumentos analíticos que permitem compreender os processos históricos, culturais e discursivos que moldaram a recepção das narrativas bíblicas, e não como categorias aplicadas de forma determinista ao texto.

Importa destacar que este estudo não se propõe a afirmar de maneira conclusiva a existência de relações homoafetivas nos contextos históricos narrados, nem a estabelecer uma reconstrução factual dessas relações. O foco metodológico reside na análise das possibilidades interpretativas abertas pelo texto e na problematização dos regimes hermenêuticos que buscaram fixar sentidos normativos como únicos legítimos. Nesse sentido, o trabalho insere-se no campo das disputas simbólicas em torno da interpretação bíblica, reconhecendo que toda leitura é situada e atravessada por relações de poder.

Por fim, a metodologia adotada reconhece a legitimidade das leituras tradicionais, mas questiona sua pretensão de exclusividade hermenêutica. Inspirada na hermenêutica crítica e na teologia queer, a pesquisa defende a pluralização interpretativa como procedimento epistemológico legítimo, capaz de ampliar o horizonte de compreensão das Escrituras. A articulação entre hermenêutica crítica, análise exegética contextual e teoria queer constitui, assim, o eixo metodológico que orienta este estudo, permitindo compreender as narrativas bíblicas como textos abertos, atravessados por múltiplas camadas de sentido e capazes de dialogar com diferentes experiências históricas e culturais.

Análise das passagens bíblicas

Jônatas e Davi: entre a amizade e o amor

A narrativa da relação entre Jônatas e Davi, apresentada nos livros de Samuel, desenvolve-se em um contexto marcado por instabilidade política, disputas sucessórias e reconfiguração das alianças no antigo Israel. É nesse cenário que o texto constrói um vínculo singular entre os dois personagens, descrito desde o primeiro encontro por meio de uma linguagem afetiva cuja intensidade se destaca no conjunto das narrativas veterotestamentárias. A análise hermenêutica dessa relação exige atenção não apenas ao conteúdo narrativo, mas também às escolhas linguísticas e aos contextos históricos de produção e recepção do texto.

[29] FOUCAULT, 1988.
[30] BOSWELL, 1980.
[31] ALTHAUS-REID, 2003.
[32] WARNER, 1999.
[33] MUSSKOPF, 2012.
[34] VAINFAS, 2010.

Em 1 Samuel 18:1-3, lê-se que “a alma de Jônatas se ligou com a alma de Davi, e Jônatas o amou como à sua própria alma”. O texto hebraico utiliza o verbo ’ahav, termo de amplo campo semântico que abrange diferentes formas de vínculo afetivo, incluindo amor parental, lealdade política e amor conjugal. Conforme observa Helminiak[35], a análise exegética dos termos bíblicos exige cautela diante de interpretações que restringem artificialmente seu significado com base em pressupostos culturais posteriores. O uso de ’ahav, nesse contexto, não permite reduzir o vínculo entre os personagens a uma categoria única e previamente definida, mas indica a existência de uma relação caracterizada por forte intensidade afetiva e compromisso pessoal.

Esse vínculo é reiterado em 1 Samuel 20:16-17, quando Jônatas estabelece uma aliança formal com Davi e reafirma seu amor por ele, “porque o amava com todo o amor da sua alma”. A repetição da linguagem afetiva, associada à formalização de um pacto, sugere que o texto não se limita a registrar uma aliança política instrumental, mas constrói narrativamente um vínculo marcado por profunda reciprocidade emocional. Como observa Lings[36], a análise filológica e literária das Escrituras revela que determinadas narrativas utilizam deliberadamente uma linguagem afetiva intensa, cuja interpretação foi posteriormente modulada por tradições hermenêuticas influenciadas por normas culturais específicas. O reconhecimento dessa dimensão linguística permite compreender o texto como portador de uma abertura semântica que excede classificações interpretativas rígidas.

O ponto culminante dessa construção narrativa ocorre no lamento de Davi após a morte de Jônatas, registrado em 2 Samuel 1:26: “Angustiado estou por ti, meu irmão Jônatas; muito me deleitaste; maravilhoso me era o teu amor, ultrapassando o amor das mulheres”. A comparação explícita entre o amor de Jônatas e o amor das mulheres constitui um elemento singular no *corpus* bíblico, na medida em que estabelece uma hierarquia afetiva que pode ser interpretada como elemento que tensiona a centralidade normativa do vínculo heterossexual. Do ponto de vista hermenêutico, essa formulação não deve ser interpretada como evidência empírica de uma relação sexual nos termos das categorias modernas, mas como uma construção discursiva que atribui valor singular ao vínculo entre os personagens.

Conforme argumenta Ricoeur[37], o texto projeta um mundo de significações que se atualiza na relação com seus leitores, abrindo-se a múltiplas possibilidades interpretativas. Nesse sentido, a declaração de Davi pode ser compreendida como um elemento que tensiona os limites normativos das concepções tradicionais de masculinidade e afeto. Butler[38] observa que os discursos que organizam o gênero e a sexualidade não apenas reiteram normas, mas

35 HELMINIAK, 2000, p. 92.
36 LINGS, 2013, p. 18.
37 RICOEUR, 1990, p. 56.
38 BUTLER, 2003, p. 45.

também produzem instabilidades que revelam sua contingência. A linguagem do lamento de Davi pode ser lida como uma dessas instabilidades, na medida em que reconhece explicitamente a singularidade e a intensidade de um vínculo afetivo entre dois homens.

A tradição interpretativa posterior, contudo, frequentemente enquadrou essa relação exclusivamente como expressão de amizade idealizada ou lealdade política, minimizando sua dimensão afetiva. Como observa Louro[39], a heteronormatividade opera também como regime hermenêutico, organizando os sentidos considerados legítimos e silenciando aqueles que desafiam a ordem sexual dominante. Nesse contexto, a insistência em restringir o vínculo entre Jônatas e Davi a uma categoria interpretativa única reflete não necessariamente uma exigência do texto, mas os pressupostos culturais que moldaram sua recepção ao longo da história.

Os estudos históricos de Boswell[40] contribuem para relativizar a ideia de que vínculos afetivos intensos entre pessoas do mesmo sexo seriam estranhos aos contextos religiosos antigos. Embora não se trate de projetar categorias identitárias modernas sobre o mundo bíblico, é possível reconhecer que as sociedades pré-modernas possuíam formas diversas de organização dos afetos e das alianças pessoais. A leitura que exclui *a priori* qualquer possibilidade de interpretação não heteronormativa reflete, em muitos casos, a influência de regimes interpretativos posteriores, marcados pela consolidação da sexualidade como categoria normativa moderna.

A partir de uma perspectiva foucaultiana, pode-se compreender que as interpretações dominantes sobre a relação entre Jônatas e Davi foram moldadas por dispositivos históricos de produção de verdade que buscaram regular os sentidos atribuídos à sexualidade e ao afeto. Foucault[41] demonstra que os discursos sobre sexualidade constituem instrumentos de regulação social que operam por meio da produção e do controle dos sentidos legítimos. Nesse contexto, a domesticação hermenêutica dessa narrativa pode ser compreendida como parte de um processo mais amplo de normatização dos afetos.

Importa destacar que a leitura aqui proposta não busca afirmar de maneira conclusiva a natureza histórica da relação entre os personagens, mas analisar as possibilidades interpretativas abertas pelo texto e problematizar os regimes hermenêuticos que moldaram sua recepção. Conforme observa Helminiak[42], a interpretação bíblica deve distinguir entre o que o texto efetivamente diz e as categorias interpretativas posteriormente projetadas sobre ele.

Assim, a narrativa de Jônatas e Davi pode ser compreendida, do ponto de vista hermenêutico, como um espaço simbólico no qual vínculos afetivos intensos entre homens são

39 LOURO, 2004, p. 29.
40 BOSWELL, 1980, p. 106.
41 FOUCAULT, 1988, p. 98.
42 HELMINIAK, 2000 p. 103.

reconhecidos e valorizados. Essa leitura não impõe um significado único ao texto, mas evidencia sua abertura semântica e sua capacidade de desafiar classificações normativas rígidas. Ao reconhecer essa pluralidade interpretativa, torna-se possível compreender a narrativa não como exceção marginal, mas como testemunho da complexidade dos afetos humanos representados nas Escrituras e das múltiplas formas pelas quais esses afetos foram interpretados ao longo da história.

Rute e Noemi: aliança, pertença e abertura hermenêutica do afeto

A narrativa de Rute e Noemi, situada no contexto do período dos juízes em Israel, desenvolve-se em meio a experiências de luto, deslocamento e vulnerabilidade social, estruturando-se a partir de vínculos afetivos e alianças pessoais entre mulheres. Diferentemente de narrativas centradas em sucessões políticas ou pactos militares, o livro de Rute constrói sua trama a partir de relações de pertença, cuidado e compromisso mútuo, conferindo centralidade a um vínculo que organiza toda a progressão narrativa. A análise hermenêutica desse texto exige atenção não apenas ao seu conteúdo literário, mas também às escolhas linguísticas e às estruturas simbólicas que sustentam a relação entre as personagens.

Após a morte de seus maridos, Noemi decide retornar a Belém e orienta suas noras a permanecerem em suas terras de origem. Enquanto Orfa retorna ao seu povo, o texto afirma que "Rute se apegou a ela" (Rt 1:14). O verbo hebraico empregado nesse versículo é דָּבַק (dabaq), cujo campo semântico inclui os significados de "apegar-se", "unir-se" e "aderir firmemente". Esse mesmo verbo é utilizado em Gênesis 2:24 para descrever a união conjugal, quando se afirma que o homem "se apegará" (dabaq) à sua mulher. Conforme observa Lings[43], a recorrência de termos que designam união e apego em diferentes contextos relacionais indica que o hebraico bíblico opera com categorias relacionais amplas, cuja interpretação exige atenção ao contexto narrativo e às estruturas simbólicas em que aparecem. O uso de dabaq em Rute 1:14 sugere, portanto, uma ligação caracterizada por forte intensidade e permanência, não reduzível a uma relação circunstancial ou meramente funcional.

Essa ligação é aprofundada na declaração de Rute em Rute 1:16–17, na qual afirma: "Onde quer que fores, irei; onde quer que pousares, ali pousarei; o teu povo será o meu povo, o teu Deus será o meu Deus. Onde morreres, morrerei, e ali serei sepultada". A estrutura dessa declaração apresenta características formais semelhantes às fórmulas de aliança presentes em outras partes das Escrituras, articulando pertencimento territorial, identidade comunitária e compromisso vitalício. Do ponto de vista exegético, essa formulação ultrapassa os limites de uma

[43] LINGS, 2013, p. 24.

lealdade circunstancial, configurando um pacto de vida compartilhada que envolve dimensões existenciais, sociais e religiosas.

Conforme observa Helminiak[44], a interpretação de textos bíblicos relacionados a vínculos afetivos exige cautela diante de enquadramentos interpretativos que restringem seu significado com base em categorias normativas posteriores. O texto não define explicitamente a natureza desse vínculo em termos das categorias modernas de orientação sexual, mas constrói narrativamente uma relação marcada por compromisso integral e pertencimento mútuo. Essa abertura semântica constitui elemento fundamental para a análise hermenêutica da narrativa.

A tradição interpretativa posterior, contudo, frequentemente enquadrou a relação entre Rute e Noemi exclusivamente como expressão de lealdade familiar ou solidariedade feminina, minimizando sua densidade afetiva. Como observa Louro[45], a heteronormatividade opera também por meio da regulação dos sentidos atribuídos aos vínculos afetivos, definindo quais relações podem ser reconhecidas como legítimas e quais devem ser deslocadas para categorias interpretativas consideradas socialmente aceitáveis. Nesse contexto, a tendência de dessexualizar ou neutralizar vínculos afetivos entre mulheres pode ser compreendida como efeito de regimes hermenêuticos moldados por estruturas patriarcais.

A recepção litúrgica contemporânea da declaração de Rute evidencia essa ambivalência interpretativa. A passagem é frequentemente utilizada em cerimônias matrimoniais como expressão de compromisso conjugal, reconhecendo-se nela uma fórmula de aliança caracterizada por fidelidade e permanência. Paradoxalmente, quando situada em seu contexto narrativo original, essa mesma declaração tende a ser interpretada exclusivamente como expressão de lealdade familiar. Esse deslocamento revela que os sentidos atribuídos ao texto são condicionados por regimes interpretativos que regulam quais formas de vínculo podem ser reconhecidas como legítimas.

Do ponto de vista hermenêutico, essa narrativa pode ser compreendida como espaço de abertura semântica que desafia classificações rígidas entre amizade, parentesco e aliança. Conforme argumenta Ricoeur[46], o texto projeta um mundo de significações que se atualiza na relação com seus leitores, abrindo-se a múltiplas possibilidades interpretativas. Nesse sentido, a relação entre Rute e Noemi pode ser lida como uma forma de parentesco que excede as categorias normativas tradicionais, estruturando-se a partir de compromisso voluntário e pertencimento mútuo.

---

44 HELMINIAK, 2000, p. 96.
45 LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação:* uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 28.
46 RICOEUR, 1990, p. 56.

A teoria queer oferece ferramentas analíticas importantes para compreender esse processo. Butler[47] observa que os regimes normativos que organizam o gênero e a sexualidade operam por meio da regulação do reconhecimento, definindo quais vínculos são inteligíveis e quais permanecem à margem. A interpretação que restringe a relação entre Rute e Noemi a uma categoria única reflete, portanto, não apenas as características do texto, mas os contextos históricos que moldaram sua recepção.

Estudos históricos como os de Boswell[48] indicam que as sociedades pré-modernas reconheciam formas diversas de organização dos vínculos afetivos e das alianças pessoais. Embora não se trate de projetar categorias identitárias modernas sobre o mundo bíblico, é possível reconhecer que as narrativas bíblicas apresentam uma diversidade de formas relacionais cuja interpretação foi progressivamente delimitada por regimes normativos posteriores.

A partir de uma perspectiva foucaultiana, pode-se compreender que a recepção histórica da narrativa de Rute e Noemi foi atravessada por processos de regulação dos sentidos atribuídos aos afetos. Foucault[49] demonstra que os discursos sobre sexualidade constituem instrumentos de produção e controle de significados. Nesse contexto, o silenciamento de determinadas possibilidades interpretativas pode ser compreendido como parte de processos mais amplos de normatização dos vínculos afetivos.

Importa destacar que a análise aqui proposta não busca afirmar de maneira conclusiva a natureza histórica da relação entre as personagens, mas examinar as possibilidades interpretativas abertas pelo texto e os regimes hermenêuticos que moldaram sua recepção. Conforme observa Helminiak[50], a interpretação bíblica exige distinguir entre o conteúdo do texto e as categorias interpretativas posteriormente projetadas sobre ele.

Assim, a narrativa de Rute e Noemi pode ser compreendida, do ponto de vista hermenêutico, como um testemunho da complexidade dos vínculos humanos representados nas Escrituras. Sua potência interpretativa reside precisamente em sua abertura semântica, que permite reconhecer a diversidade das formas de pertencimento e compromisso narradas no texto bíblico. Ao reconhecer essa abertura, torna-se possível compreender a narrativa não como exceção marginal, mas como expressão da pluralidade dos afetos humanos representados no corpus bíblico e das múltiplas formas pelas quais esses afetos foram interpretados ao longo da tradição.

47 BUTLER, 2003, p. 45.
48 BOSWELL, 1980, p. 109.
49 FOUCAULT, 1988, p. 98.
50 HELMINIAK, 2000, p. 103.

Considerações finais

A análise das narrativas de Jônatas e Davi e de Rute e Noemi evidenciou a complexidade hermenêutica que caracteriza a interpretação dos textos bíblicos, especialmente quando examinados à luz de abordagens críticas que consideram as relações entre linguagem, poder, gênero e sexualidade. Ao reconhecer o texto bíblico como produção histórica e simbólica, atravessada por múltiplas camadas de significado e por diferentes tradições interpretativas, este estudo buscou demonstrar que as Escrituras não constituem um campo semântico fechado, mas um espaço aberto a disputas de sentido que se atualizam em diferentes contextos históricos e culturais.

No caso da narrativa de Jônatas e Davi, a análise evidenciou que o texto mobiliza uma linguagem afetiva de elevada intensidade, cuja interpretação foi historicamente condicionada por regimes hermenêuticos específicos. A declaração de Davi em 2 Samuel 1:26, ao estabelecer uma comparação entre diferentes formas de vínculo amoroso, constitui um elemento que amplia o horizonte interpretativo da narrativa. Conforme demonstrado ao longo do estudo, a análise exegética e hermenêutica não permite afirmar de maneira conclusiva a natureza histórica dessa relação em termos das categorias modernas de identidade sexual, mas evidencia que o texto comporta uma abertura semântica que foi progressivamente delimitada por tradições interpretativas posteriores. Nesse sentido, a releitura proposta contribui para explicitar a pluralidade de sentidos possíveis e para problematizar os pressupostos normativos que moldaram sua recepção.

De modo semelhante, a narrativa de Rute e Noemi revela a centralidade de um vínculo estruturado por compromisso, pertença e reciprocidade. A análise filológica e hermenêutica do texto evidenciou que o uso de termos que expressam apego e aliança, bem como a estrutura pactual da declaração de Rute, configura uma relação marcada por profunda intensidade relacional. Conforme indicado por Lings[51] e Helminiak[52], a interpretação desses textos exige cautela diante da projeção de categorias contemporâneas sobre contextos antigos, ao mesmo tempo em que permite reconhecer que o texto bíblico apresenta formas de vínculo que não se enquadram rigidamente nas classificações normativas posteriores. A análise aqui desenvolvida buscou, portanto, evidenciar a abertura interpretativa da narrativa e os processos históricos que contribuíram para a delimitação de seus sentidos.

A principal contribuição deste estudo reside na articulação entre hermenêutica bíblica, teoria queer e história da sexualidade como abordagem metodológica capaz de examinar criticamente os processos de produção e recepção dos sentidos bíblicos. Inspirada na

[51] LINGS, 2013.
[52] HELMINIAK, 2000.

hermenêutica filosófica de Ricoeur[53], esta pesquisa partiu do reconhecimento de que o texto bíblico projeta um horizonte de significações que se atualiza continuamente na relação com seus leitores. Nesse contexto, a hermenêutica queer não foi empregada como instrumento de imposição de novos significados arbitrários, mas como ferramenta analítica que permite examinar criticamente os regimes interpretativos que historicamente delimitaram os sentidos considerados legítimos.

Do ponto de vista metodológico, o estudo reafirma a importância da análise exegética contextual, da atenção às estruturas linguísticas do texto original e da consideração dos processos históricos de tradução e recepção, conforme indicado por Helminiak[54] e Lings[55]. Essa abordagem permitiu distinguir entre os elementos efetivamente presentes no texto bíblico e as interpretações posteriormente construídas, contribuindo para uma análise mais rigorosa e epistemologicamente consistente.

Importa destacar que este estudo não buscou estabelecer afirmações conclusivas sobre a natureza histórica das relações analisadas, mas examinar as possibilidades interpretativas abertas pelo texto e os processos históricos que moldaram sua recepção. Conforme demonstrado, a interpretação bíblica constitui um campo de disputas hermenêuticas no qual diferentes tradições interpretativas coexistem e refletem seus respectivos contextos históricos.

As implicações desta pesquisa situam-se, primeiramente, no campo acadêmico, ao contribuir para o desenvolvimento de abordagens hermenêuticas críticas aplicadas aos estudos bíblicos. Ao evidenciar a complexidade semântica e histórica das narrativas analisadas, o estudo reforça a importância de metodologias que reconheçam o caráter interpretativo da leitura bíblica e a pluralidade de seus sentidos possíveis.

Em síntese, a análise das narrativas de Jônatas e Davi e de Rute e Noemi demonstrou que o texto bíblico constitui um campo interpretativo dinâmico, no qual diferentes formas de vínculo afetivo são narradas e interpretadas de maneiras diversas ao longo da história. Ao reconhecer essa abertura hermenêutica, torna-se possível compreender as Escrituras não como um sistema semântico fixo, mas como um *corpus* textual cuja riqueza interpretativa continua a suscitar novas leituras e reflexões. Essa perspectiva contribui para o aprofundamento dos estudos bíblicos contemporâneos, ao afirmar a legitimidade de abordagens críticas que examinam os processos históricos e culturais envolvidos na produção e interpretação dos textos sagrados.

53 RICOEUR, 1990.
54 HELMINIAK, 2000.
55 LINGS, 2013.

Referências

ALTHAUS-REID, Marcella. *The queer God*. London: Routledge, 2003.

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BOSWELL, John. *Christianity, social tolerance, and homosexuality:* gay people in Western Europe from the beginning of the Christian era to the fourteenth century. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero:* feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CLEAVER, Richard. *Know my name:* a gay liberation theology. Louisville: Westminster John Knox Press, 2000.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I:* a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HELMINIAK, Daniel A. *What the Bible really says about homosexuality*. San Francisco: Alamo Square Press, 2000.

LINGS, Renato. *Love lost in translation:* homosexuality and the Bible. Victoria: Trafford Publishing, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação:* uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho:* ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento:* pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MUSSKOPF, André Sidnei. *Uma brecha no armário:* propostas para uma teologia gay. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

VAINFAS, Ronaldo. História da sexualidade no Brasil. São Paulo: Contexto, 2010.

WARNER, Michael. *The trouble with normal:* sex, politics, and the ethics of queer life. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

Recebido em: 25 nov. 2025.

Aceito em: 04 fev. 2026.